

Seção: Artigo

**Trilha: Educação e
Tecnologia**

Beatriz Gontijo Campos
Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais
(POSLING) (DFG-CN)
bea@cefetmg.br
<https://orcid.org/0000-0002-9427-1906>
<http://lattes.cnpq.br/1952330648677861>

Roberta Silva Santos
Instituto Federal do Norte de Minas
Gerais (CRINTER)
Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais
(POSLING)
roberta.doutorado.2021@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7002-5401>
<http://lattes.cnpq.br/4641839249700841>

Contribuição dos(as) autores(as):

Beatriz Campos: Conceituação,
desenvolvimento, escrita – revisão e
edição.

Roberta Santos: Metodologia,
desenvolvimento, escrita – revisão e
edição.

Este trabalho está licenciado com uma
licença *Creative Commons* Atribuição
4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as
usuários(as) do seu material possam
distribuir, remixar, adaptar e criar a
partir do material criado por você,
mesmo que seja para fins comerciais,
mas desde que quem usar atribua o
devido crédito pela autoria inicial da
obra.



A LEITURA COMO PRÁTICA: contribuições da Pedagogia Pós-Método

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar o uso de círculos de leitura como uma atividade aplicada à Pedagogia Pós-Método para o ensino-aprendizagem nos ambientes presenciais e virtuais. Tendo em vista que a leitura era considerada uma atividade social e, por questões políticas e econômicas, passa por um processo de individualização e anonimização, o leitor perde o referencial de comunidade interpretativa – a construção de sentido na interação com o texto, o mundo, o autor e o outro. A pesquisa, assim, se caracteriza como qualitativa. Procedemos com uma breve conceituação de leitura como prática (Chartier, 2017), passando, depois, para as comunidades interpretativas (Fish, 1992) e os círculos de leitura (Cosson, 2014; Daniels, 2002), e, por fim, para a Pedagogia Pós-Método e seus três pilares: a particularidade, a praticabilidade e a possibilidade (Kumaravadivelu, 2001). A partir das discussões empreendidas, e nos pautando principalmente nos círculos de leitura como prática social da construção de sentidos na leitura, trabalhamos também com a construção da autonomia e dos princípios da Pedagogia Pós-Método nos educandos, e a partir disso propomos algumas orientações práticas de como montar a atividade do círculo de leitura num contexto de ensino virtual. A partir das orientações dadas, buscamos dar ao professor ferramentas para adaptar o círculo ao seu contexto, agindo de acordo com as demandas locais dos alunos, assim como propõe a Pedagogia Pós-Método.

Palavras-chave: círculo de leitura, pedagogia pós-método, ensino de línguas, ensino de leitura.

1 Introdução

A leitura é um ato solitário. Ao longo de séculos, o ato de ler passou de uma atividade social, feita em grupos, com vistas a discutir o conteúdo ou catequizar os leitores/ouvintes, para uma atividade anônima, feita individualmente, quase como um ato íntimo e, principalmente, passivo. Mas será mesmo?

Não existe leitura que não seja atravessada por convenções sociais ou que seja feita fora de uma comunidade interpretativa, aquela que valida e dá significação aos códigos lidos. Ainda que, hoje, poucos sejam os espaços dedicados à leitura social, principalmente na modalidade presencial, uma vez que o virtual é real (Castells, 2010), sabemos que a interpretação não é tarefa feita isoladamente, nem algo dado. Pensando nisso, e na história da leitura como ato social, este artigo discute sobre o uso de círculos de leitura como uma atividade aplicada ao pós-método para ensino-aprendizagem nos ambientes presenciais e virtuais. É na socialização de interpretações, nas discussões aprofundadas e na negociação de sentidos dentro de uma comunidade interpretativa que pousa a hipótese de que ler e conversar sobre o que se leu propicia oportunidades de aprendizagem – não só sobre o que se lê, mas também de uma outra língua.

Neste artigo serão apresentados uma breve trajetória da leitura, os conceitos de círculo de leitura e comunidades interpretativas, e o círculo de leitura como atividade aplicada ao pós-método, propondo orientações práticas tanto na modalidade presencial quanto virtual. Para tal, utilizamos o viés qualitativo de pesquisa, fazendo um levantamento bibliográfico acerca dos temas e, por fim, tecendo nossas considerações e construindo um produto aplicável a partir delas.

2 O processo de leitura

Reinhard Wittmann (1999), ao teorizar sobre a existência de uma pretensa revolução da leitura durante o século XVIII, nos conta sobre a mudança nos hábitos de leitura da sociedade alemã da época. E, mais do que ter uma resposta sobre a revolução, nos interessa aprender como as pessoas liam—e como elas leem hoje.

De acordo com o autor, da metade para o final dos anos 1700 e início dos 1800, a burguesia alemã perde poder de compra, mas se estabelece como uma elite cultural. É a partir disso, da necessidade de espalhar os ideais iluministas e da maior circulação de livros impressos—em vez de manuscritos—, que alguns fenômenos começam a acontecer. Até então, a leitura era considerada

uma atividade social, isto é, havia um leitor que declamava textos para um grupo que, posteriormente, discutia esta leitura. Os textos eram, em sua maioria, textos bíblicos lidos e repetidos à exaustão por um leitor para um grupo de ouvintes. No entanto, ao longo dos 1700, começa-se a valorizar a leitura extensiva; uma leitura apaixonada, intensa e, sobretudo, individual (Wittmann, 1999). É nesse contexto, segundo Wittmann (1999), que se dá a criação da subjetividade e que nasce e cresce o anseio pela ampliação do mundo empírico—o que pode ser feito por meio da leitura. Viaja-se pelo mundo, conhece-se novos lugares, novas culturas, com o abrir de um livro. É importante notar, aqui, como essa busca pela ampliação do mundo empírico é similar à expansão do mundo linguístico proposta por van Lier (2000). Na primeira, a proposta é de que se conheça o mundo fora do seu domicílio por meio dos livros; na segunda, propõe-se uma expansão das oportunidades comunicativas e de uso da língua que está sendo aprendida, o que também pode se dar por meio dos livros, ainda que esta não seja a única maneira preconizada por van Lier.

Voltando a Wittmann (1999), ao narrar as mudanças pelas quais passou a leitura no período, o autor enfatiza como o ato de ler foi modificado. Para ele, o resultado das mudanças ocorridas entre 1700 e 1800 não é nem a adoção da leitura útil dos iluministas, nem a sobrevivência da leitura catequética e social dos tradicionalistas, mas a anonimização e individualização do ato de ler. Os leitores, enfim, leem o que querem e o que os satisfaz, sem necessariamente se educar. Essas mudanças se perpetuaram e moldaram a cultura da leitura que temos até os dias de hoje: o ato de ler como hábito individual, heterogêneo e disperso.

Em se tratando do ensino da leitura, a revolução dos textos digitais permitiu aos professores novas possibilidades de aplicar em suas práticas formas de inserir os alunos no mundo da literatura, e assim provocá-los. Desse modo, ao abordar leituras virtuais, Chartier (2017) afirma que a utilização do ambiente eletrônico abre novas possibilidades para interação e para interpretações multiversáteis, pois cada leitor carrega em si um *background* e isso lhe permite questionar, criticar, aceitar ou discordar conforme o contexto em que está inserido. Com efeito, Chartier (2017) afirma que a materialidade do livro é substituída pela imaterialidade de textos sem lugar específico e, conseqüentemente, as interações e as interpretações das leituras se tornam mais dinâmicas, permitindo inclusive as interações plurilinguísticas.

Assim, a proposta de um círculo de leitura, seja presencial ou virtual, busca resgatar a leitura como ato social e propõe novos meios de recepção e interpretação aos participantes.

3 Círculos de leitura e comunidades interpretativas

Os círculos de leitura funcionam como uma comunidade interpretativa explícita, e, a partir das discussões propostas, os participantes buscam romper a superfície do texto e encontrar sentidos mais profundos. O que, entretanto, é uma comunidade interpretativa?

O conceito de “comunidade interpretativa” aparece como ponto central da discussão trazida por Stanley Fish em seu *“Is there a text in this class?”* (1992), quando o autor traz um caso ocorrido com um colega, quando uma aluna faz a pergunta-título a ele. Esse professor primeiro entende uma coisa, mas depois da correção da aluna entende outra. Assim, Fish (1992) argumenta que o texto—e a linguagem—não tem um significado fixo, nem é “flutuante”, sem significado algum, sendo este dado totalmente pela interpretação individual do leitor. Para o autor, o significado das coisas é dado pelas regras da comunidade interpretativa à qual pertencemos - isto é, o significado que atribuímos a um texto está atrelado ao contexto em que o lemos, mas também a convenções e instituições que pré-determinam como o texto deve ser lido. O leitor e o texto, portanto, só existem dentro de uma comunidade interpretativa.

Cosson (2014, p. 139) comenta, sobre o texto de Fish (1992), que a importância das comunidades interpretativas fica evidente: “[...] embora o processamento físico do texto seja essencialmente individual, a leitura como um todo é sempre social porque não há leitor que não faça parte de uma comunidade de leitura, ainda que nem sempre seja reconhecida como tal”. Assim, é possível perceber que a dinâmica de construção de sentido é sempre situada, nunca isolada no tempo e espaço, no indivíduo. O círculo de leitura aparece, portanto, como uma prática explícita de determinada comunidade interpretativa, buscando estabelecer diálogos mais profundos entre textos e leitores, e dos leitores entre si. É possível ver nessa definição, também, as características da Pedagogia Pós-Método e seus três parâmetros, os quais serão discutidos a seguir.

Retomamos, então, os círculos de leitura. Esses seriam, por definição, uma comunidade interpretativa. Funcionam, de forma geral, quando um grupo de pessoas escolhe ler um texto de forma voluntária e se junta periodicamente, em grupos, para discutir o que leram.

Harvey Daniels explica a dinâmica dos círculos de leitura em sala de aula assim:

Os círculos de literatura são pequenos grupos de discussão, liderados pelos participantes, e cujos membros escolheram ler a mesma história, poema, artigo ou livro. Enquanto cada grupo lê sua parte designada do texto (seja dentro ou fora da sala de aula), os membros

tomam notas que os ajudam a contribuir com a futura discussão, e todos retornam ao grupo com ideias a serem compartilhadas. Cada grupo segue uma agenda de leitura e de encontros, tendo discussões periódicas ao longo do livro. Quando eles finalizam um livro, os membros do círculo podem compartilhar os destaques da leitura que fizeram com a comunidade; e então eles trocam de membros com outros grupos que estejam finalizando a leitura, selecionam mais textos para ler, e entram em um novo ciclo (Daniels, 2002, p. 2).

É possível perceber, então, como o círculo de leitura age como uma metodologia que busca contribuir com a autonomia do aluno, não só o permitindo escolher o que vai ler, mas também dando a ele total controle sobre sua leitura e sua interpretação, tirando o peso da “interpretação correta” estabelecida pelo professor. Assim, o grupo de leitura é livre para debater suas ideias e ver como elas se encaixam e se aprofundam dentro da própria comunidade interpretativa.

4 O círculo de leitura como aplicação da Pedagogia Pós-Método

4.1 A Pedagogia Pós-Método

A Pedagogia Pós-Método tem como principal expoente Kumaravadivelu, que inaugura o termo em seu “*Toward a Postmethod Pedagogy*” (2001). O autor advoga por um processo de ensino e aprendizagem que preze pela centralidade do aluno e pela aprendizagem significativa, muito mais que por um aprendizado engessado de línguas, com base em concepções estruturalistas e que concebem que aprender estruturas gramaticais e vocabulário dá conta de ensinar todo um sistema de pensamento e cultura, colocando, portanto, aluno e professor como protagonistas, como seres críticos que compreendem seu papel no mundo, subvertendo a lógica de “língua estrangeira” - e portanto “cultura estrangeira” - que deve ser apreendida e assimilada, buscando retirar o caráter colonialista do ensino e aprendizagem de línguas e trazendo a importância do conhecimento localmente construído.

Segundo Kumaravadivelu (2001), os alunos ganham autonomia para construir o seu próprio conhecimento e aplicá-lo. De acordo com o autor, a Pedagogia Pós-Método possui uma abordagem tridimensional, que consiste em três parâmetros pedagógicos: a particularidade, a praticabilidade, e a possibilidade. O princípio da *particularidade* preza pelo ensino significativo, baseado em aspectos locais, políticos e sociais do contexto em que professor e alunos se inserem. A *praticabilidade* busca relacionar teoria e prática, isto é, o professor não é apenas um implementador de teorias de terceiros, mas constrói sua própria teoria a partir da prática, em conjunto com quem

Kumaravadivelu (2001) chama de formadores de professores. A *possibilidade* é o parâmetro que mostra que toda relação de ensino e aprendizagem está pautada em relações de poder e domínio, e que o ensino de línguas seria inerentemente colonialista e imperialista; para a implementação de uma pedagogia pós-método, portanto, seria necessário questionar o *status quo* e levar a possibilidade de mudança para os alunos, através da construção de sua autonomia e de possibilidades de mudanças concretas em seu meio.

Consideramos que a proposta do círculo de leitura vai ao encontro dos três parâmetros, sobretudo o da possibilidade, uma vez que está relacionada com o questionar o *status quo*, ou seja, a possibilidade de o sujeito compreender e questionar o estado em que se encontra atualmente e buscar a transformação/mudança a partir da sua leitura de mundo, ativando a sua autonomia.

4.2 Orientações práticas para Círculos de Leitura na Pedagogia Pós-Método

Na visão de Freire (1969), o novo traz em si elementos do velho. Compreendemos, assim, que os círculos de leitura que eram tendência na Idade Média trazem, hoje, elementos importantes para o processo de ensino-aprendizagem e de formação de um cidadão global. Marcuschi (2008) afirma que a atividade de leitura e compreensão exige habilidade, interação e trabalho por parte do leitor, sendo uma “forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (Marcuschi, 2008, p. 230). Quando falamos em agir sobre o mundo, lembramos claramente de Kumaravadivelu (2001), quando defende a autonomia do aprendiz tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito social. Por isso, a prática dos círculos de leitura no contexto Pós-Método incorpora uma variedade de abordagens tanto para atender às necessidades de uma vida hibridizada (Castells, 2010) quanto para atender às particularidades e objetivos dos participantes. Para ilustrar o que discutimos neste artigo, elaboramos um passo-a-passo de como poderia ser conduzida uma prática de círculo de leitura virtual no contexto pós-método:

Quadro 1 - Passo-a-passo de um círculo de leitura virtual no contexto Pós-Método

Tarefa	Desenvolvimento Prático	Habilidades
Seleção de textos <i>online</i>	Os participantes selecionam textos literários interessantes para o grupo, podendo se valer de romances, histórias em quadrinhos, contos, mangás, <i>fanfictions</i> , entre outros.	Prática da autonomia, tomada de decisão, exploração de materiais

Divisão de grupos	Os participantes se dividem em grupos de 3 a 5 pessoas e leem o texto em conjunto (textos curtos) ou definem o trecho que cada grupo vai ler (textos longos).	Prática da autonomia, colaboratividade
Discussão colaborativa <i>online</i> 1	Os alunos compartilham, dentro do grupo, suas interpretações, suas críticas, pontos de vista, dúvidas de forma colaborativa - podendo utilizar-se de aplicativos como whatsapp, meet, google docs.	Estímulo ao pensamento crítico, diálogo, reflexões
Discussão colaborativa <i>online</i> 2	Os grupos compartilham entre si suas visões sobre o texto, buscando expandir suas interpretações e fazer paralelos com o contexto em que se inserem.	Estímulo ao pensamento crítico e reflexivo. Aspectos da particularidade e da possibilidade.
Atividade diversificada - Explorar as redes midiáticas	Cada grupo apresenta uma atividade de sua escolha, sistematizando o que leram. É possível fazer uma resenha em ambiente virtual; um post de blog, um vídeo curto, um episódio de podcast...	Percepção de resolução de problemas, produção e avaliação. Exercício da possibilidade.
Adaptação contínua	O facilitador do círculo de leitura tem a flexibilidade de adaptar as atividades conforme as demandas do grupo ou mesmo solicitar do grupo ideias, soluções etc.	Flexibilidade e adaptabilidade. Praticabilidade.
Aprendizagem autêntica	Trazer para o contexto dos alunos tópicos abordados na leitura, explorando questões reais e autênticas e soluções mais próximas da realidade dos alunos que aquelas presentes no texto lido	Aspectos da particularidade (ensino significativo) e da possibilidade (questionamento do <i>status quo</i>)
Valorização e diversificação cultural e linguística	Explorar experiências, compartilhar conhecimentos, valores, princípios e artefatos culturais que estejam presentes no texto lido e como eles agem na sociedade	Percepção do jogo de poder e do “ <i>soft power</i> ” presente em obras culturais.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

5 Conclusões

A Pedagogia Pós-Método é um meio de fazer com que professores e formadores de professores reflitam sobre suas práticas em sala de aula, buscando sempre praticar a teoria e teorizar a prática, dando oportunidade para que os alunos exerçam sua autonomia e se formem como cidadãos críticos e atuantes em seus meios. Os Círculos de Leitura são uma oportunidade de sistematizar os ensinamentos do Pós-Método e aplicá-los em uma atividade que pode ser adaptada para diversos contextos e até disciplinas.

Assim, após apresentar e discutir brevemente sobre esses dois elementos, e apresentar uma

sugestão de atividade utilizando a metodologia dos círculos de leitura na modalidade virtual, esperamos que este trabalho contribua para que mais professores, alunos e formadores possam se inspirar na tridimensionalidade pós-método e refletir sobre suas práticas. Além disso, esperamos que, com atividades como a apresentada aqui, mais professores e alunos possam identificar as cordas que pretendem nos prender em aspirações colonialistas e imperialistas por meio de artefatos culturais e que, então, possam subvertê-las, trazendo experiências e conhecimentos localmente situados para a discussão e valorizando a cultura do sul global.

Referências

- CASTELLS, M. **The rise of the network society**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2 ed. v. 1, 2010.
- CHARTIER, R.. From texts to readers: Literary criticism, sociology of practice and cultural history. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, 2017, p. 741–756.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- DANIELS, H. **Literature circles: voice and choice in Books Clubs and Reading Groups**. 2 ed. Portland Maine: Stenhouse Publishers, 2002.
- FISH, S. Is there a text in this class? **Alfa**. Tradução de Rafael Eugênio Hoyos-Andrade. São Paulo, v. 36, 1992, p. 189-206.
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**,^a 4, v. 9, 1969, p. 123-132.
- KUMARAVADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. **TESOL Quarterly**, Teachers of English to Speakers of Other Languages, Inc. (TESOL), v. 35, n. 4, 2001, p. 537–560.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- VAN LIER, L. From Input to Affordance: Social-Interactive Learning from an Ecological Perspective. In: LANTOLF, J. (Org.). **Sociocultural Theory and Second Language Learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CHARTIER, R.; CAVALLLO, Guglielmo (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. Trad. Cláudia Cavalcanti *et al.* vol. 2. São Paulo: Ática, 1999.